

'Coronelismo urbano' de ACM já dura 30 anos

Valter Pontes/Coperphoto-11/1/2001

Senador usou apoio de empreiteiras e comando das comunicações para construir esquema eficiente de poder, que pode ruir agora, se for cassado

SILVIO BRESSAN

As derrotas do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), que corre o risco de ter o mandato cassado, podem levar à decadência o esquema político mais resistente nas últimas três décadas do País. Mas não é à toa que o carlismo, nascido no regime militar, conseguiu passar incólume pela redemocratização e se fortalecer ainda mais nestes tempos de globalização. Sua longa sobrevivência está sustentada sobre três pilares básicos, construídos desde o fim dos anos 60, quando o então prefeito de Salvador, Antonio Carlos Magalhães, começou a projetar seu futuro político. Foi aliado à especulação imobiliária, ao grande capital das empreiteiras e ao comando estratégico das comunicações que ACM construiu uma teia complexa, eficiente e duradoura de poder.

Na contra-mão dos velhos coronéis, grandes latifundiários que se aliavam às oligarquias rurais, ACM foi se reciclando, tornou-se um verdadeiro "coronel urbano", aliando a truculência típica desses políticos antigos a um sofisticado esquema de informação e manipulação. Assim, conseguiu sobreviver a todas as reviravoltas do País e se manter, três décadas e oito presidentes depois (de Castelo Branco a Fernando Henrique Cardoso), como um dos políticos mais poderosos do País.

Ainda não há explicação definitiva para tamanha longevidade, mas é certo que começou com a Lei da Reforma Urbana de Salvador, anunciada pelo então prefeito às vésperas do Natal de 1968, 11 dias depois do Ato Institucional n.º 5, que fechou o Congresso e inaugurou a fase mais dura do regime militar. A propósito de extinguir o latifúndio improdutivo e obter recursos para obras viárias e um programa habitacional, ACM desfez-se de 25 milhões de metros quadrados, o equivalente a 10% da área da cidade.

O resultado prático é que, a preços simbólicos, as imobiliárias e construtoras ficaram com as terras mais valiosas do município, porque estavam situadas no eixo natural de expansão da cidade. Sem terras nem recursos suficientes para atender à demanda habitacional da população de baixa renda, a prefeitura precisou depois de financiamentos federais e desapropriações de alto custo para adquirir o que já fora dela. Em contrapartida, o setor imobiliário e da

construção civil ganhou um impulso extraordinário. Além dos terrenos valorizados, as construtoras ainda tiveram financiamento do Banco Nacional da Habitação (BNH) para construir prédios residenciais.

Nomeado por Castelo Branco em 1967, o prefeito aproveitou o prestígio no governo militar para obter os recursos. "Ao doar 10% da cidade para os especuladores, ACM fez a negociata do século", diz o advogado e ex-vereador Fernando Schmidt, que desde os anos 80 denuncia o episódio. "O empresário ganhou três vezes: comprou terras a preço de banana, lucrava com a reforma urbana feita nessas áreas e ainda obteve dinheiro federal para as obras."

Por seu lado, ACM começou a utilizar um esquema auto-alimentável que continua até hoje. Ao levar recursos para a Bahia e modernizar Salvador, ganhava apoio do empresariado, que depois passou a financiar suas campanhas e ajudá-lo a se manter no poder. "As empreiteiras ganharam rios de dinheiro e Antonio Carlos criou uma rede de poder econômico junto aos grandes empresários e ao capital financeiro", observa a deputada estadual Lídice da Matta (PSB), que foi prefeita de 1992 a 1996 e é uma das maiores vítimas do carlismo. Durante seu governo, sem verbas e com boicote permanente de ACM, Salvador viveu um verdadeiro caos.

Teses – Para o pesquisador e professor de Comunicação e Política da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia Antonio Albino Canelas Rubim, o apoio dos militares pode explicar a gênese do carlismo, mas é insuficiente para justificar sua evolução durante a ditadura. "ACM vai se distanciando dos antigos coronéis para criar seu próprio grupo hegemônico", anota Rubim, que já orientou meia dúzia de teses sobre a trajetória de ACM e a força do seu grupo político.

Apesar de todas as pesquisas e estudos, Rubim acha que o fenômeno do carlismo ainda não foi explicado. "O grande mistério é como um político que veio do coronelismo e foi ligado ao governo Juscelino Kubitschek (1955-1960) e a todos os presidentes militares conseguiu não só manter sua influência como

aumentá-la após o fim da ditadura", diz. "Trata-se de um dos poucos políticos, se não o único, a conseguir essa travessia."

A aliança com os militares e os novos pólos do poder econômico são a primeira explicação plausível. Graças a isso, o carlismo chegou com plena força ao fim da ditadura, em 1985. Até ali, os militares já tinham feito de ACM prefeito (1967-1970), governador por duas vezes (1971-1975 e 1979-1983) e presidente da Eletrobrás (1975-1979). "A ocupação desses cargos associada com o escanteamento de outras correntes majoritárias na Bahia (de Juracy Magalhães, da família Viana e de Roberto Santos) faz com que o carlismo chegue ao fim do regime militar como a grande força política do Estado", constata o acadêmico.

Ministério – É a partir daí, analisa, que o carlismo ganha seu terceiro e mais importante pilar. Ao perceber a mudança no clima político, ACM se aproxima de Tancredo Neves (último presidente do Colégio Eleitoral) e costura sua nomeação para o Ministério das Comunicações. "ACM percebeu a influência desse setor na nova economia e, principalmente, seu potencial político", salienta Rubim.

Até ali, conta, os ministros da pasta eram técnicos preocupados com a integração nacional. ACM passa a usar a pasta para fins políticos e se fortalece ainda mais com a concessão de emissoras de rádio e TV em troca de votos pela ampliação do mandato do presidente José Sarney de quatro para cinco anos. Ao mesmo tempo, usa esse poder para ampliar sua rede de comunicações na Bahia e conseguir a retransmissão da Globo.

"Em troca do apoio à prorrogação do governo Sarney, ele consegue montar um partido eletrônico no Estado", resume Rubim. Hoje, nem o professor sabe quantas rádios ACM tem na Bahia. "É difícil descobrir quem são os verdadeiros donos", diz. O domínio maior, no entanto, é mesmo o da televisão. São seis emissoras, estrategicamente espalhadas no Estado: TV Norte, em Juazeiro, TV Subaé, em Feira de Santana, TV Oeste, em Barreiras, TV Sudoeste, em Vitória da Conquista, TV Santa Cruz, em Itabuna e a TV Bahia, na capital. Como o esquema ligado aos empreiteiros, esse sistema também se auto-alimenta. Os anúncios do governo e da prefeitura vão quase todos para as emissoras do gru-



ACM recebe bênção das baianas na Lavagem do Bomfim: travessia de sucesso entre dois regimes

po do senador, que ficam cada vez mais fortes e ao mesmo tempo reforçam o prestígio do carlismo. "ACM sempre teve uma percepção aguda da força da mídia", frisa Rubim.

Poder – Insaciável, ACM continuou usando o poder para aumentar seu cacife político até chegar ao governo Fernando Henrique como o político mais importante do Congresso. "Ele até ficou rico na política, mas reconheço que este nunca foi seu objetivo", diz um velho inimigo que preferiu não assinar um suposto elogio. "ACM só faz política para ficar mais poderoso."

Foi assim que conquistou prefeitos, deputados e juizes, acumulando informações e favores para trocar por apoio. "Ele não tem limites", resume o deputado João Almeida (PSDB-BA). Por acreditar nisso é que ACM tentou reproduzir seu esquema no Senado, espalhando que sabia quem votara contra a cassação de Luiz Estevão e iniciando a crise que pode agora derrubá-lo. "Sua megalomania era tão grande que acabou engolindo ele próprio", diz Arx Tourinho, ex-presidente da regional baiana da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e um dos principais adversários de ACM.

"Ele foi vítima do próprio poder, tão grande e opressivo que hoje incomoda até mesmo os aliados", conclui Rubim. "É só ligar nos noticiários e nos programas humorísticos da TV Globo para perceber. De um político que mandava em FHC, ACM aparece hoje como alguém condenado pela opinião pública. Como sua ambição era nacional, tudo vai explodir agora em dimensão nacional."

**DOMÍNIO
FIRMOU-SE
NO REGIME
MILITAR**